

PARÁBOLAS

BANG-BANG

Na sexta-feira à tarde, a cidade de Boa Vista ficou tomada de uma verdadeira história de bang-bang. A rádio boato espalhou que policiais federais teriam trocado tiros com seguranças do governador. Mas as versões são contraditórias. Pessoas do meio afirmaram que houve apenas ligeiro desentendimento, que logo teria sido sanado.

BANG-BANG

Segundo uma das versões, os "federa" chegaram numa batida de arma em punho, no carro onde estavam os seguranças do governador e estes, por serem policiais postos para cuidar da segurança do governador, também sacaram das suas armas, o que ocasionou num breve momento de tensão. Mas nada de transformar a cidade numa daquelas curretelas dos filmes de faroeste. Ainda há controvérsias.

BOLSA DE APOSTAS

Nas rodas de conversa, a bolsa de apostas está fervendo para saber quem será o candidato a senador mais votado nesta eleição. Muitos acreditam que será o prestigiado líder do governo Lula, Romero Jucá (PMDB). Outros consideram que a petista Angela Portela vai surpreender e vai passar "o bigode" em número de votos. E há ainda os apaixonados que torcem pela "eterna senadora" [expressão dos "puxa"] Marluce Pinto.

BOLSA DE APOSTAS I

A certeza dos que apostam em Angela Portela parte da seguinte análise: Quem vota em Telmário Mota (PDT), afirma que o segundo voto é de Angela; os eleitores de Aimerê Freitas (PV) também afirmam que seu segundo voto é da petista. Parte dos que votam em Iran Gonçalves, idem. Logo, essa constatação fez a candidata de Lula subir na cotação.

ATÉ QUE A VAIDADE OS SEPRE

Essa campanha foi marcada por situações improváveis até cerca de dois anos atrás: no mesmo palanque estiveram juntos, rasgando a seda uma para o outro, figuras como Marluce Pinto, Romero e Teresa Jucá. Quem lembra os fatos que marcaram a história recente de Roraima, sabe o quanto essas "personas" se ofenderam em nome da disputa pelo poder num passado não muito distante.

VIVA AS CONVENIÊNCIAS

Mas hilário mesmo foi ver políticos sempre falastrões como o deputado federal Márcio Junqueira (DEM), rasgar elogios a Jucá. Junqueira levou um pé no traseiro quando da compra da Rádio Equatorial e TV Imperial por Romero Jucá e depois passou a demonizar o senador por onde passava. Nessa campanha, o inimigo virou "o meu amigo senador mais influente do Brasil".

VIVA AS CONVENIÊNCIAS I

A mesma observação feita sobre Junqueira vale para o "odoricoparaguassuano" deputado estadual Ivo Som (PTN), que em vários discursos na Assembleia Legislativa num passado bem, mas bem recente, culpou o senador Jucá por todos os males e gargalos enfrentados por Roraima. Agora, aos abraços, Jucá é para Ivo Som "o senador que todo estado brasileiro gostaria de ter e do qual eu me orgulho". Está certo.

OTTOMAR SEM DESCANSO

Outro fato da campanha que merece destaque foi o uso desmedido do nome do ex-governador Ottomar Pinto por políticos que sempre estiveram à sua sombra e outros que foram "feitos" por ele, mas depois o traiu, como é o caso do candidato Neudo Campos. Desde que faleceu, o velho brigadeiro ainda não conseguiu descansar em paz, tanto que é evocado por todos aqueles que querem um empurrãozinho do além para se eleger.

BRIGA DE CACHORRO GRANDE

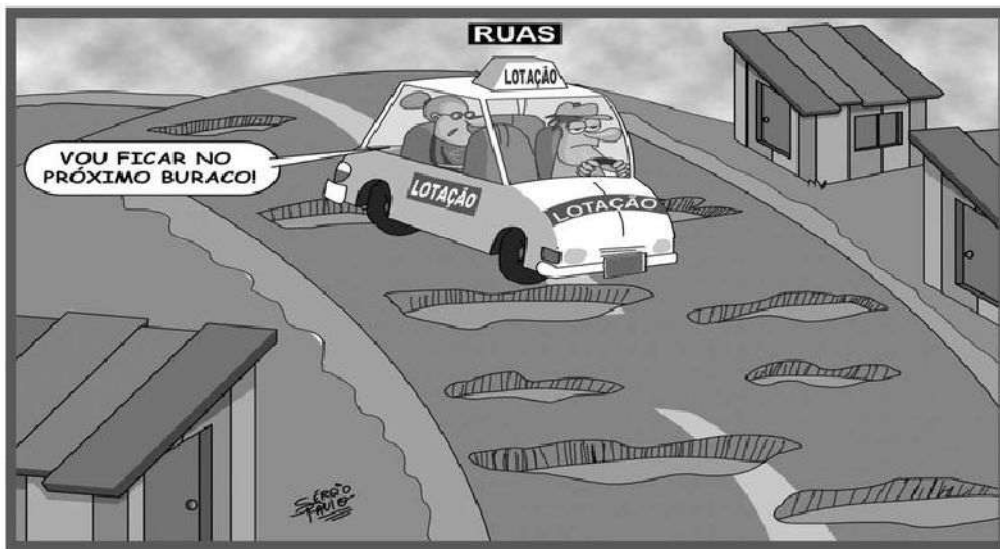
A coligação "Pra Roraima Voltar a Ser Feliz" resolveu voltar sua carga contra o Ministério Público Federal, a Polícia Federal e o Tribunal Regional Eleitoral, pondo em dúvida a lisura dessas instituições. Uma nota divulgada pela coligação, que tem o ex-deputado federal e ex-governador Neudo Campos (PP) como candidato ao governo, afirma que "As instituições que por força da legislação tem a obrigação de realizar as eleições no Estado de Roraima estarão à margem da desmoralização".

BRIGA DE CACHORRO GRANDE I

Mostrando indignação com fato da Justiça Eleitoral ter liberado grande soma de dinheiro pertencente à coligação União por Roraima, que tem Anchieta Júnior (PSDB) como candidato à reeleição, a coligação de Neudo Campos resolveu tentar desmoralizar o MPF, a PF e o TRE. A nota publicada pela coligação diz que: "Com os R\$ 760 mil, da coligação de Anchieta Júnior, apreendidos na tarde de ontem, já são mais de R\$ 5 milhões apreendidos e imediatamente devolvidos para Anchieta Junior e seus aliados sem o crivo do TRE".

Colabore com a coluna Parábolas.

Envie sugestões para o email: colunaparabolas@gmail.com



ARTIGOS

NAS MÃOS DOS ELEITORES

D. Demétrio Valentini, Bispo de Jales, SP, Presidente da Cáritas

O dia das eleições está chegando. Agora a decisão está nas mãos dos eleitores. O voto é soberano. Ele se constitui no fundamento da democracia. Todo o arcabouço jurídico que o protege tem a finalidade de garantir que ele seja, de fato, a expressão da vontade de cada eleitor. Por isto, o maior atentado contra a democracia é perverter o voto do eleitor, pela compra e venda, ou por qualquer outro expediente.

A sabedoria popular cunhou a afirmação contundente, e acertada: voto não tem preço, tem consequências!

A campanha eleitoral deveria fornecer elementos para os eleitores fazerem sua escolha, livremente, a partir das conclusões a que cada um chegar.

Quanto menos a campanha cumpre sua missão, maior a responsabilidade do eleitor. É o que se pode dizer da campanha deste ano. Por muitos motivos, ela deixou a desejar. Pouco contribuiu para o debate sereno, claro, objetivo, em torno de propostas de governo para o país. Ficou por demais carregada de ataques pessoais, em tentativas de desmoralizar os adversários.

Por isto, o eleitor tem algumas tarefas a mais, desta vez.

Em primeiro lugar, sacudir o clima de acusações e calúnias perversas e fantasiosas, lançadas não importa contra quem. Precisamos neutralizar estas tentativas de desestabilizar candidaturas com ataques pessoais e acusações infundadas. É necessário desencorajar seus autores. Caso contrário inviabilizamos a prática democrática em nosso país, incentivando os que se escondem no anonimato da internet para desferir seus golpes contra os desafios de seus preconcitos. Contra o obscurantismo, nada melhor do que a lucidez e a coragem

dos eleitores em livrar seu voto da asfixia de acusações gratuitas e injústas.

Urge também depurar as versões da grande mídia, que são no mínimo tendenciosas, para dizer pouco, e para deixar que cada eleitor imagine quais são os interesses que se escondem por trás destas posições veiculadas às vezes com rara virulência contra alguns candidatos. Formar a própria opinião, prescindindo das grandes manchetes, é tarefa difícil, mas não impossível para cidadãos maduros e adultos que queremos ser.

Como a campanha pouco ajudou para compreender o que está se passando em nossa realidade brasileira, nos últimos anos, cabe a nós fazer uma análise ponderada, com a lucidez de nosso bom senso, e conferir o que está no bom caminho, e o que seria possível melhorar. E então, com nosso voto sinalizar em quem depositamos nossa confiança para garantir que nossas expectativas possam, minimamente, se cumprir.

Para esta análise, não pode faltar uma referência às grandes desigualdades sociais que são a marca registrada de nosso país, e perceber como estão sendo enfrentadas. Com nosso voto, precisamos expressar nosso juízo de valor sobre o processo de superação de nossas mazelas sociais, que está em andamento, e dar nosso voto em favor das propostas apresentadas pelos candidatos, não as fantasiosas e irresponsáveis, mas as realistas e consistentes.

Esta campanha não vai deixar saudades para ninguém. Mas o voto tem o poder de redimir até uma campanha mal realizada. Afinal, a responsabilidade recai mesmo sobre cada eleitor. Quanto menos ele precisar de recomendações, melhor será o seu voto.

O sistema eleitoral moderno e as disfunções da lógica política de Roraima

Elói Martins Senhoras*

A lógica de todo sistema eleitoral moderno é baseada em uma concepção circular da democracia que funciona com base no tautológico, onde teoricamente os políticos ruins seriam punidos nas urnas e os bons premiados ao longo do tempo por meio de um aprendizado baseado em tentativa e erro.

O padrão democrático seria neste contexto um processo interminável de construção regido pela participação e pela contestação pública, mas que tem nas eleições o epicentro instrumental do afunilamento representativo por meio da competição partidária que leva ao final à renovação dos quadros políticos.

A despeito dos marcos democráticos supostamente buscaram um contínuo exercício de reavaliação dos candidatos políticos e de renovação dos postos, a história eleitoral no Brasil é recheada pela estruturação de castas partidárias e pela consolidação de figuras políticas, conhecidas como coronéis e caciques, que concentram o poder e o reproduzem segundo seus próprios interesses políticos e partidários.

Neste contexto, a análise de longa duração da dinâmica política roraimense desde a formação de território até o período de transformação em estado mostra a consolidação de algumas destas rugosidades históricas que perduram até os dias de hoje por meio de uma lógica política paternalista desenvolvida na máquina administrativa local ou nas próprias campanhas eleitorais, que sofrem apenas de inovações incrementais e não ruptivas.

Devido ao fortalecimento institucional da Justiça Eleitoral porque passou o recém-criado estado de Roraima ao longo das duas últimas décadas, muitas estratégias políticas começaram a se adaptar, projetando um discurso de positiva modernização, porém mantendo no seu bojo o tradicionalismo disfuncional dos ataques entre candidatos políticos ou da metamorfose corruptiva do dinheiro em cargos comissionados, em estas básicas ou outros produtos e serviços no período das eleições.

Não havendo mudanças significativas, os debates políticos ou as campanhas eleitorais vinculadas em rádio e televisão, que já tiveram um representatividade e audiência, ao serem capazes de induzir a aglutinação de pessoas para as discussões e fazendo emergir um fenômeno social intitulado como mentalidade manada pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), não mais surtem efeitos em Roraima.

O processo democrático das eleições que teoricamente deveria ampliar o leque de opções do cidadão, na prática se consolida pela restrição de opções devido às ideias nebulosas difundidas por um emaranhado de partidos sem grandes distinções ideológicas, que acabam por colocar o eleitorado em posição passiva às campanhas e muitas vezes levando a uma sistemática descrença na capacidade de mudanças da política.

Mesmo que o desinteresse e a descrença do eleitorado nos políticos representem um fenômeno transversal nos mais diferentes países do mundo, talvez o que haja de específico em Roraima seja o fato de existir uma cultura que se sedimenta ao longo do tempo e que é regada pela cristalização de códigos e condutas informais da economia do contracheque, onde os meios públicos passam a legitimar e reproduzir os interesses privados.

Consistente desta condição, o eleitorado roraimense compreende claramente tanto as limitações das propostas políticas frente às rotinas e procedimentos da administração pública local quanto as distinções que se processam entre o discurso político no presente e a realidade a ser construída no futuro, por isso sente claramente que falta opções para o voto, pois o nivelamento da dinâmica eleitoral se processa mais pela desconstrução do oponente à própria construção de projetos políticos.

* Economista e cientista político. Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Outros artigos do autor podem ser encontrados em <http://works.bepress.com/eloi>. Endereço para contato: eloi@ufrr.br.

EXPEDIENTE

MONTE RORAIMA

A SERVIÇO DA VIDA E DA CIDADANIA

E-MAIL:

jornalmonteroraima@bol.com.br

SUPERINTENDENTE

Fernando Rocha

EDITORIA CHEFE

Etienne Travassos

SECRETÁRIO

DE REDAÇÃO

Jânio Tavares

CONSELHO EDITORIAL:

Glaubio Batista, Gianfranco Graziola, Eliene Travassos, Fernando Rocha e José Ibarra.

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO

Rua Fernão Dias Paes Leme, 11

Telefone/Fax: (95) 3624-4522

(Redação)

Calunga - Boa Vista/RR

CEP. 69303 - 220

CNPJ: 34.809.111/0001-65

IMPRESSÃO: JÚLIO SÉSAR PRADO BUSSACCHI

Boa Vista - Roraima - Tel.: (95) 4141-1241

Propriedade da Fundação Educativa Cultural José Allamano